

ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DAS SONORIDADES EM UMA ESCOLA ATINGIDA PELA BARRAGEM DE FUNDÃO (MARIANA-MG, 2022)

*TEACHING HISTORY THROUGH SONORITIES
IN A SCHOOL AFFECTED BY THE FUNDÃO DAM
(MARIANA-MG, 2022)*

Virgínia Buarque¹

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Cibele Aparecida Viana²

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Silvany Ferreira Diniz³

Escola Municipal Bento Rodrigues – Secretaria Municipal de Educação de Mariana

Resumo: O artigo discorre sobre os procedimentos utilizados nas oficinas do projeto pedagógico “Sonoridades Históricas de Bento Rodrigues”, desenvolvido a partir de agosto de 2022, na Escola Municipal Bento Rodrigues, Mariana - MG, soterrada em 2015 devido à queda da Barragem de Fundão e interpreta os resultados parciais obtidos pelo mesmo. Realocada na sede urbana de

Abstract: The article discusses the procedures used in the workshops of the pedagogical project “Historical Sounds of Bento Rodrigues”, developed from August 2022, at the Municipal School Bento Rodrigues, Mariana - MG, buried in 2015 due to the fall of the Fundão dam and interprets the partial results obtained by the same. Relocated in the urban center of

¹ Pós-doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. Professora titular em Interdisciplinaridade na UFOP. Leciona no Departamento de Música e do Programa de Pós-graduação em História. E-mail: virginiacasstrobuarque@gmail.com.

² Licenciada e Mestre em História, atualmente cursa o Doutorado em História na UFOP. Atuou como professora de História no ensino básico das redes municipal e estadual de Educação de Minas Gerais. E-mail: cibeleoouro@yahoo.com.br.

³ Licenciada em História pela UFOP. Docente de História na rede municipal do município de Mariana, estado de Minas Gerais, desde 1999. E-mail: silvanydiniz@yahoo.com.br.

Mariana, a instituição de ensino tem acolhido ações voltadas à superação do trauma vivido pelos(as) moradores(as) comunidade, bem como ao reconhecimento de seus direitos, entre as quais o projeto aqui abordado, que porta como objetivos: 1) formular com os(as) estudantes (considerando, assim, suas memórias e cultura de história) uma ressignificação do processo histórico de ocupação da região desde o século XVII à atualidade, sob o viés das sonoridades; 2) promover uma crítica propositiva, em âmbito teórico-conceitual e metodológico, ao emprego das sonoridades no ensino de História.

Mariana, it has hosted actions aimed at overcoming the trauma experienced by the residents of that community, as well as the recognition of their rights, including the project discussed here, which aims to 1) to formulate with the students (thus, their memories and cultures of history) a re-signification of the historical process of occupation of the region from the 17th century to the present day, under the bias of sonorities; 2) to promote a propositional criticism, in a theoretical-conceptual and methodological scope, to the employment of sonorities in the teaching of History.

Palavras-chave: Bento Rodrigues. Sonoridades históricas. Ensino de história.

Keywords: Bento Rodrigues. Historical sonorities. History teaching.

Introdução

Em 5 de novembro de 2015, a Barragem de Fundão, situada no distrito de Mariana, MG., de propriedade da mineradora Samarco S.A., de controle acionário da Vale S.A. e da anglo-australiana BHP Billiton, rompeu-se, provocando – 19 mortes, mais de 600 desabrigados e uma devastação gravíssima no meio ambiente, com efeitos que, possivelmente, demandarão séculos para serem revertidos. Localizado na cidade de Mariana (MG), o povoado de Bento Rodrigues, surgido no século XVIII, no contexto da extração aurífera da região, foi praticamente recoberto pelos rejeitos de minério, inclusive a escola municipal ali sediada: “A infraestrutura física ficou soterrada pela lama, bem como o mobiliário, o acervo bibliográfico, os arquivos e os sentidos e significados que aquele prédio ocupou na vida da população”.⁴ Nesse contexto, alunos e professores que ali se encontravam sobreviveram, mas a

⁴ HUNZICKER, Adriane Cristina de Melo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; SANTOS, Marcelo Loures dos. A Escola como fator de desterritorialização dos povos atingidos pelo rompimento da Barragem do Fundão. *Revista da UFMG*, v. 27, n. 2, p. 80-105, 2020. p. 91.

comunidade escolar, junto com os moradores da localidade, foi transferida para a sede urbana, num processo de desterritorialização.

A partir de então, a Escola Municipal Bento Rodrigues, que em 2022 procede à formação de aproximadamente 140 estudantes, matriculados no ensino infantil e no ensino fundamental (primeiro e segundo segmentos), realiza todo dia 5 de novembro um evento pedagógico, culminância de um processo elaborado ao longo do ano, no qual as diferentes disciplinas apresentam interpretações daquela experiência – –, tão pungentemente vivenciada por alunos e professores. Trata-se de uma ocasião em que sobretudo compartilham alternativas por eles vislumbradas para um retomar de suas vidas, entrecruzando a reivindicação de seus direitos e o anseio pela reatualização das relações socioculturais que mantinham no novo reassentamento, que vem sendo construído.

Em 2022, a docente que leciona História nessa Escola Municipal convidou os integrantes da pesquisa aplicada “Gualaxo vivo: histórias através de sons” para uma parceria, visando à elaboração de um projeto pedagógico que ressignificasse as “memórias de Bento” pelo viés das sonoridades históricas. A pesquisa “Gualaxo Vivo” é financiada pela Fapemig (com recursos depositados pela Fundação Renova em Juízo)⁵ desde novembro de 2020. Seu objetivo é identificar, catalogar, interpretar e disponibilizar fontes e produções escritas sobre as sonoridades do entorno socioambiental do rio Gualaxo do Norte⁶ (onde a lama tóxica da Barragem de Fundão foi derramada) desde o período anterior à chegada dos colonizadores, no século XVIII, até a atualidade.

Em 2021, a equipe do projeto “Gualaxo Vivo” produziu 10 mapas histórico-sensoriais e módulos didáticos a eles relacionados, que podem ser acessados para consulta e reprodução na plataforma digital <https://gualaxovivo.com.br/>. Já no primeiro semestre de 2022, o projeto realizou oficinas culturais e pedagógicas, visando proceder a uma interlocução com os moradores, as moradoras, os(as)

⁵ Em conformidade à Chamada Pública Fapemig 09/2018 - Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação para Recuperação das Áreas Impactadas pelo Rompimento da Barragem de Fundão – Mariana – MG.

⁶ O rio Gualaxo do Norte tem suas nascentes em montanhas de Ouro Preto, percorre todo município de Mariana e deságua no rio do Carmo, na divisa com a cidade de Barra Longa. Ele integra a bacia hidrográfica do rio Doce, que corta os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo até chegar no Oceano Atlântico. Em suas margens, foram edificados povoados centenários, duramente impactados ou mesmo aniquilados com a queda da Barragem.

estudantes dos municípios de Mariana, Ouro Preto e Barra Longa, especialmente os atingidos e as atingidas pela ruptura da Barragem de Fundão, a fim de integrar suas contribuições, críticas e sugestões ao material já produzido, o que deu origem a sete (7) outros mapas, também disponibilizados no site.

Assim, a equipe da pesquisa "Gualaxo Vivo", composta por integrantes da Pós-graduação em História e do curso de Licenciatura em Música da UFOP, junto com a docente de História, o setor pedagógico e a direção da Escola Municipal Bento Rodrigues, formulou o projeto pedagógico "Sonoridades Históricas de Bento Rodrigues", voltado ao reconhecimento das expressões acústicas tidas como significativas pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental, em função de suas memórias⁷ e cultura de história⁸ sobre o povoado em que residiram com suas famílias até 2015. Este artigo porta então um duplo objetivo, mutuamente relacionado: elaborar com os (as)estudantes uma reinterpretação do processo histórico de ocupação da região, desde o século XVII à atualidade, sob o viés das sonoridades; promover uma crítica propositiva, em âmbito teórico-conceitual e metodológico, ao emprego das sonoridades no ensino de História. Para tanto, o texto foi desdobrado em três tópicos: 1) a abordagem das sonoridades pelo saber histórico; 2) as narrativas sobre Bento Rodrigues a partir das sonoridades; 3) a partilha das escutas sonoras enunciadas pelos(as) alunos(as) da Escola daquela

⁷ Como tão bem mencionado por Nara Rúbia de Carvalho Cunha, "O contato com memórias de dor e luto suscitou uma reflexão sobre duas questões principais, que chamaram atenção para os cuidados que as memórias impuseram a essa produção científica. Assim, elas provocaram deslocamentos na própria concepção de produção de conhecimento, por ser necessário considerar como abarcá-las em um trabalho científico sem tomá-las como objeto sensacionalista ou silenciá-las, visto serem constituintes da vida dos docentes. E por fazer pensar sobre qual o papel do pesquisador, frente a tais memórias, num contexto de pesquisa que se pretende ético-estético-responsivo", cf. CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Memórias e sensibilidades numa produção de conhecimentos histórico-educacionais. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.10, n.17, p. 26-45, jul./dez.2017.

⁸ Conforme explicitado pelos professores-pesquisadores Marcelo Abreu e Nara Rúbia de Carvalho Cunha, "[...] numa cultura de história as imagens populares e aquelas produzidas por uma elite ou segundo preceitos disciplinares compõem um circuito de produção da história no qual os consumidores não recebem essas imagens passivamente. Ao contrário, eles colaboram ativamente na sua significação e ressignificação no curso de usos bastante variados – do lazer à identificação política, do aprendizado aberto pela proliferação das instituições de memória ao ensino organizado etc. [...] Podemos dizer que, ao contrário da noção de cultura histórica em cujo cerne percebemos uma hierarquia entre formas de consciência, a cultura de história se produz na circularidade entre materiais e procedimentos distintos circunstancial e assimetricamente posicionados no mundo da cultura". Os autores ainda acrescentam que a concepção de cultura de história "assemelha à noção de consumo como bricolagem defendida por Certeau em *A invenção do cotidiano*". Ver ABREU, Marcelo; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Cultura de história, história pública e ensino de história: investigação e formação de professores de história. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 111-134, 2019. p. 117-118.

territorialidade, em suas relações históricas de poder, de economia, de cultura e de sociabilidades.

1. Uma abordagem conceitual-metodológica: as sonoridades no saber histórico

A nossa experiência sensível do mundo é também, em grande medida, uma experiência sonora (incluindo a oralidade e a musicalidade). As percepções sonoras incidem na regulação dos tempos e dos espaços, das identidades e das alteridades. De forma recíproca, as fontes que permitem interpretar o mundo sonoro estão perpassadas por sensibilidades e poderes. Logo, interfere diretamente em nossa visão de mundo

Não obstante, o som foi incorporado como objeto investigativo pelas ciências humanas há pouco mais de um século. Até então prevalecia, inclusive no método histórico-científico, o recurso à palavra escrita, inclusive no âmbito de fonte de conhecimento. Mesmo para os que procuravam ampliar a noção de documento, as artes plásticas eram o principal registro alternativo,⁹ pois se considerava que manifestações como lendas orais e canções históricas continham subjetividades excessivas, atravessadas pela imaginação e pelo sentimento. Ademais, até então, a expressão sonora evanesce no ato da sua manifestação, no máximo, suas impressões ficam assentadas na memória e, no caso de determinadas produções musicais, na notação. Subsistia, portanto, uma tendência ao seu desaparecimento. Escutar o outro se instalou, assim, nas esferas da subjetividade e da memória, não do saber histórico: integrante do campo da afetividade, do prazer e da fruição, não seria um elemento tangível para o entendimento do passado humano.

Tal característica das humanidades reverbera, em parte, a própria forma como a sociedade ocidental hierarquiza os sentidos. Anthony Seeger lembra que, na língua inglesa, quando alguém quer dizer que compreende algo, diz 'I see' [eu vejo]. Entre nós, pessoas com ideias que só serão implementadas no futuro são chamadas 'visionárias'. [...] Há exceções, que, no entanto, não invalidam a afirmação da

⁹ “[...] quando nos referimos à nossa atitude perante a sociedade e a cultura, nosso léxico é o da visualidade. Na Antropologia falamos de observação, desde Malinowski procuramos captar o ponto de vista do nativo, tentamos reconstruir sua visão de mundo, tentamos abordar diferentes perspectivas em nossa análise, buscamos evidências empíricas para nossas observações, que façam jus a uma ótica científica. O próprio termo teoria deriva de um verbo grego que significa observar, contemplar.”; cf. CAIUBY NOVAES, Sylvia (coord.). **Alteridade, expressões culturais do mundo sensível e construções da realidade**. Velhas questões, novas inquietações. Projeto Temático apresentado à FAPESP, 2002. Mimeo. p. 26-27.

superioridade atribuída à visão em nossa sociedade: em francês, 'entendre' significa entender e escutar. Em inglês, o surdo é chamado 'dumb and deaf', o que associa a ausência da audição a uma incapacidade cognitiva. No Brasil, 'você é surdo!' corresponde a 'você não entende/ percebe'; há também o 'escuta aqui!', que geralmente precede uma discussão, bronca. Curioso notar que em inglês e em português, quando se aproxima audição e cognição, há, em geral, um tom negativo nas expressões.¹⁰

Todavia, na passagem do século XIX para o XX, mais precisamente entre 1870-1930, houve o desenvolvimento de dispositivos técnico-industriais (do telefone ao cinema sonoro, passando pelo gramofone e pelo alto-falante) de transdução do som, que visavam à captura da voz como veículo de significação:¹¹ o som, assim, tornou-se "objetificável" pelo saber científico.¹² Paulatinamente, foram criadas sociedades e instituições nacionais, com o propósito de recolher e gravar arquivos fonográficos para fins científicos e/ou patrimoniais – o intuito era "salvar" o folclore da extinção.¹³

A antropologia foi pioneira no emprego do fonógrafo como aparelhagem de registro sonoro, conforme os trabalhos desenvolvidos por Frans Boas sobre a língua falada pelos povos *Haida*, *Kwakiutl* e esquimós.¹⁴ Contudo, os maquinários então utilizados eram pesados e sensíveis, além de portarem grandes limitações técnicas na captação do som. Por isso, foram acolhidos pelos pesquisadores com um misto de entusiasmo e reserva. Também perduravam questões metodológicas vinculadas à atribuição do estatuto de fonte etnográfica aos sons gravados, obtidos em trabalho de campo e demandando esforço de transcrição. Ainda com base nos estudos antropológicos, firmou-se a convicção de que haveria uma primazia do sonoro nas sociedades, com predomínio da cultura oral e da visão nas sociedades de cultura

¹⁰ HIKIJI, Rose Satiko. Possibilidades de uma audição da vida social. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28. **Anais...** 2004. p. 5-6. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st04-4/3919-rhikiji-possibilidades/file>. Acesso em: 9 de outubro de 2021.

¹¹ Observe-se que o mundo visual, com o incremento da fotografia e do cinema, ampliou-se ainda mais.

¹² OBICI, Giuliano. *Condição de escuta*. mídia e territórios sonoros. 2006. 162f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC, São Paulo, 2006; CAPELLER, Ivan. Introdução à arqueologia da escuta - Do som e da voz como objetos de enunciação. **Ciberlegenda**. p. 7-15, 2011.

¹³ REIS, Filipe. **A (i)materialidade do som: antropologia e sonoridades**. Disponível em: https://www.academia.edu/1094759/A_i_materialidade_do_som_Antropologia_e_Sonoridades. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

¹⁴ BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana. 1883-1911**. Organização e introdução: George W. Stocking Jr. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da UFRJ, 2004. Tal prática foi continuada por seus discípulos, a exemplo de Johannes Gabriel Gränno, que procedeu ao mapeamento de regiões da Finlândia e Estônia incluindo os sons locais, conforme registrado em seu livro *Geografia Pura [Pure Geography]*, editado em 1929, cf. REIS, Filipe. *Op. Cit.* p. 3-4.

escrita. Tal interpretação, entretanto, é hoje superada pelo entendimento do mútuo perpassar entre oralidade e escrita, audição e visão.

Simultaneamente, graças a abordagens pioneiras da sociologia¹⁵, da filosofia¹⁶ e da musicologia¹⁷, o universo sonoro passou a ser apropriado pelo saber científico em sua amplitude, para além da produção musical. Sons e ruídos de toda ordem passaram a ser incluídos, já que se multiplicavam e estavam em toda parte na modernidade. Os novos dispositivos de gravação e mediação permitiam a produção de acústicas que não eram mais os da natureza, da voz humana ou de instrumentos tradicionais.

A historiografia, por sua vez, também atentou para o potencial de significação da vida social por meio dos sons, como indicado por Lucien Febvre, no início da década de 1940, seguido por seu discípulo Robert Mandrou, sob a ótica da história das mentalidades, nos anos 1960.¹⁸ Enquanto esses dois últimos autores atentaram, entre outros aspectos, à importância nas sonoridades da época moderna,¹⁹ mais recentemente, em torno da década de 1990, Alain Corbin destacou a importância dos sons no período posterior às Revoluções Francesa e Industrial.²⁰

¹⁵ George Simmel, em seu *Ensaio sobre a Sociologia dos Sentidos*, a despeito de afirmar ser a audição um sentido “passivo, despojado de autonomia própria, que contrasta de forma evidente com a visão”, também sugeria que um conjunto de indivíduos pode sentir-se ligado através de sons comuns, delineando então o conceito de coletividade sonora, cf. SIMMEL, George. *Sociologia: Estudos sobre las formas de socialización. Revista de Occidente*. Vol. III *apud*. FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos e paisagens culturais**: Estudos sociológicos de cultura urbana. Oeiras: Celta, 1999. p. 105.

¹⁶ Adorno teorizou de modo sistemático a escuta, ao final dos anos 1930. No bojo da teoria crítica da moderna sociedade tecnológica que produzia a homogeneização da cultura por meio da indústria cultural, buscou compreender a tensão entre a recepção dos ouvintes, as dinâmicas internas da estética musical e as determinações da sociedade de massas. Assim, elaborou uma tipologia de escutas: a do expert, do bom ouvinte/*amateur*, do consumidor, do emocional, do sentimento /estático, do fã (de jazz), do entretenimento e do indiferente. cf. SAMPAIO, Daniel Morgado. **A crise da indústria da cultura**: visões de Adorno e de Attali sobre a música contemporânea. 1025. 128f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura). Universidade do Minho, Portugal. 2015.

¹⁷ Pierre Schaeffer lançou as propostas de maior autonomia dos “objetos sonoros” e de escuta “reduzida”, inspirada na redução fenomenológica de Husserl. Ele preocupou-se em isolar as propriedades características dos sons e em entender o ouvido como instrumento fundamental para as escutas do mundo moderno. Com isso, formulou uma tipologia de escuta: acusmática, banal, prática, cultural, natural, direta, reduzida etc., cf. SCHAEFFER, Pierre. **Tratado dos objetos musicais**. Ensaio interdisciplinar. Brasília: EdUnB, 1993.

¹⁸ Cf. apontado por CORBIN, Alain. *Histoire et anthropologie sensorielle. Anthropologie et sociétés*, v. 14, n. 2, p. 13-24, 1990. p. 13.

¹⁹ Cf. FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 372: “Os homens daquele tempo tinham, sem dúvida, visão penetrante. Mas, precisamente, não haviam posto à parte os outros sentidos [...] o século XVI antes de ver, escutava, ouvia, cheirava o ar e captava os sons”.

²⁰ “Quanto aos sinos, aí está um bom exemplo do inatual. Há, hoje, mais sinos do que no século XIX: os sinos são mais bem feitos, têm um alcance maior. E, no entanto, você não os ouve. Não os ouve porque não os escuta. E você não os escuta, porque não tem necessidade de ouvi-los. Se você não tivesse outra coisa a não ser os sinos para marcar o tempo, para lhe assinalar os acontecimentos, então você os ouviria. Isso coloca o problema naquele

Por sua vez, o emprego do sonoro (e não apenas da música como fonte de interpretação) no ensino de História é bastante recente, mas vem suscitando uma importante mudança de paradigma.²¹ Como indica Cunha, o trabalho com educação das sensibilidades no ensino de História viabiliza novas maneiras do(a) estudante relacionar-se com dimensões afetivas e estéticas, como também ético-políticas, esferas que nem sempre são realçadas no trabalho didático:

Em certa medida, esse movimento implica uma mudança de postura em relação ao objeto [no caso sonoro] que se quer conhecer, porque demanda envolvimento concomitantemente racional e sensível, ao qual temos sido desacostumados, e uma abertura para a incerteza ou a incompletude, aceitando-as como potência latente.²²

Logo, a interpretação pedagógica de uma manifestação sonora como fonte requerer modalidades próprias de audição no cotidiano de sala de aula. Atentar a elas irá favorecer os esforços dos(as) estudantes em suas práticas de replicação de sons cantados ou tocados, bem como de percepção de seus componentes (ritmos, melodias, harmonias, se for o caso) e de distinção das sutis variações de duração, intensidade e timbre. Ademais, lhes será possível reconhecer as improvisações, havendo também um incentivo à identificação de elementos da linguagem musical que propiciaram, de alguma forma, a persistência/a alteração de tradições sonoras e de repertórios instrumentais e/ou de canto em um dado contexto histórico-social.²³

Vale, portanto, insistir em uma forma diferenciada de lidar com as sonoridades em âmbito do ensino histórico escolar. Nessa perspectiva, há alternativas como solicitar aos(às) estudantes que atentem ao que a princípio poderia passar despercebido ou não mencionado por eles(as) em suas partilhas, por ser tido como

campo da história da sensibilidade do qual falamos, da história da atenção”, cf. VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jan. 2005. p. 27.

²¹ Conforme também indicado por ROZA, Luciano Magela. **Entre sons e silêncios**: apropriações da música no livro didático no ensino de história afro-brasileira. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009, p. 111: “[...] o comparecimento de abordagens da música que considere sua natureza e que introduza textos ou legendas, respeitando a importância do contexto, apresentam-se como avanços significativos, apesar de nem sempre fazerem-se presentes. [...] Apesar do fato de a música possuir *status* de documento histórico e ser incorporada aos manuais didáticos de História, observa-se uma desconsideração para com a complexidade e peculiaridade estrutural do objeto musical”. Ver também os comentários do autor à p. 114 de sua dissertação.

²² CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. A vida em segundo plano: produção de conhecimentos histórico-educacionais a partir de fotografias do desastre ambiental de Mariana-MG. **Revista TEL**, Irati, v. 8, n.2, p. 119-138, jul.-dez. 2017. p. 122.

²³ PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 44, n. 1, 2001. p. 231.

demasiadamente corriqueiro ou insignificante. Outro recurso é o apelo à imaginação histórica a partir das sonoridades, permitindo que elas deslanchem experiências empáticas com outros modos de ser no tempo e no espaço.²⁴ Há também a possibilidade de mobilização, em sala de aula, de corporeidades²⁵ – com os estudantes dispendo-se a escutar em diferentes posições e movimentos.

Convida-se, assim, àqueles(as) que escutam, na dinâmica da formação escolar, em especial do ensino de História, a acionarem suas sensibilidades, de maneira a formular novos entendimentos – dos processos, das relações de poder, das escolhas possíveis – e, talvez, comprometimentos. Possivelmente, não, seja exagero afirmar que o acionamento das sonoridades no ensino de História possa propiciar atitudes de resistência e alternativas de reinvenção do sujeito do mundo.²⁶

Foi no bojo dessa mudança de paradigma que a reflexão acadêmica teceu uma importante diferença conceitual entre som e sonoridade. Desta forma, o som é entendido como uma vibração física em forma ondulatória, efêmera e evanescente, embora não imaterial; ela é captada pelo ouvido e interpretada pelo cérebro, que lhe confere significações. Cabe destacar que sons e silêncios se entrelaçam, em uma relação contínua de presença e ausência, e é justamente a partir dessas oscilações que se efetivam as alturas, os ritmos, dentre outros aspectos. Tal é o material com que as sociedades fazem suas escolhas sonoras no decorrer do tempo.²⁷

Contudo, apreender e conceituar o som mostra-se um desafio contemporâneo, pois ele se subtrai à escuta na medida em que a ela se expõe:

²⁴ “[...] nós professores, competimos com uma indústria cada vez mais potente de produção de imaginação [...] tomando os devidos cuidados, [...] [podemos] usar esses recursos a nosso favor [...] a partir do conteúdo discutido, selecionam[os] [nosso] material didático, e com [nossos] alunos, tentam[os] perceber as intencionalidades, as afetividades, os destinos alterados”, cf. SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. Ensino de história e sensibilidade: o ver, o ouvir e o imaginar nas aulas de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 25, n. 02, p. 167-190, jul.-dez. 2019. p. 171; 176.

²⁵ Nesta perspectiva, todo o corpo é considerado como fonte de conhecimento, bem como não é isolado da psiquê: “O corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia; nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem. Nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico etc. No âmbito dos rituais afro-brasileiros (e também nos de matrizes indígenas), por exemplo, essa concepção de performance [...] revela o que os textos escondem”, cf. MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: Corpo, lugar de memória. *In: Língua e Literatura: Limites e Fronteiras*, Belo Horizonte, v.12, n. 26, ago./set. 1998. p. 67.

²⁶ CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. *Op. Cit.* p. 124.

²⁷ WISNIK, J. Miguel. **O som e o sentido**. Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989.

encoberto por uma série de camadas, das quais a música representa, ainda hoje, o principal paradigma, possui a peculiar característica de furtar-se a um exclusivismo do pensamento analítico. Reconhecendo tais singularidades abarcadas pelo sonoro, vem sendo formulado o conceito de sonoridades, que se refere aos significados históricos e socioculturais atribuídos aos sons.²⁸ As sonoridades detêm uma autonomia discursiva e, simultaneamente, mantêm uma inter-relação com os significados provindos dos outros sentidos, viabilizando, em desdobramento, a constituição de diálogos interculturais.

2. As sonoridades como patrimônio imaterial da comunidade de Bento Rodrigues

Bento Rodrigues surgiu como um povoado no início do século XVIII, erguido às margens do córrego Ouro Fino, um dos afluentes do rio Gualaxo do Norte.²⁹ Uma das sonoridades primevas do território desse povoado provinha justamente das águas dos riachos. Trata-se de uma região de incrível beleza natural, com grande multiplicidade de sons, em grande parte também advindos de sua fauna, continuamente descritas por memorialistas do Setecentos e vários viajantes estrangeiros do século XIX. Assim, por exemplo, Spix³⁰ e Martius³¹ indicaram seu assombro diante da variedade sonora da localidade, sendo possível ouvir “os urros

²⁸ BUARQUE, Virgínia; BUSCACIO, Cesar Maia. Regimes de escuta e espaço histórico de Minas (séculos XVIII-XIX). *Revista Antíteses*. Londrina, v. 14, n. 28, p. 223-257, jul.-dez. 2021.

²⁹ Neste córrego, o cabo Bento Rodrigues (ou Bento Roiz) encontrou grande quantidade de ouro, o que deu início ao arraial que recebeu o seu nome, cf. OLIVEIRA, José Eduardo de. **Bento Rodrigues**: trajetória e tragédia de um distrito do ouro. S. d. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/Bento_Rodrigues_trajetoria_e_tragedia_de.pdf. Acesso em 5 de setembro de 2022. Quase de forma simultânea, foram sendo erguidos os arraiais de Antônio Pereira, Camargos, Gama, Teixeira (atuais subdistritos de Paracatu de Cima e Paracatu de Baixo) e São José de Matias Barbosa (hoje município de Barra Longa), cf. ICOMOS BRASIL. **Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues**. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 de setembro de 2022. p. 27.

³⁰ Johann Baptiste von Spix (1781-1826) nasceu na atual Alemanha, sendo um naturalista que ficou conhecido pelo trabalho realizado com seu colega Carl von Martius, em viagem para o Brasil em 1817, no âmbito da Missão Austríaca que acompanhou a imperatriz Leopoldina em seu casamento com D. Pedro I. A expedição, que durou até 1820, percorreu diversas regiões: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhã e Belém, subindo o rio Amazonas por três anos. Foi formada uma coleção com cerca de 6.500 espécies de plantas, diversos espécimes zoológicos e muitos artefatos indígenas. Após seu retorno à Europa, foram nomeados cavalheiros e passaram a integrar várias academias científicas prestigiadas. No entanto, enquanto Martius deu prosseguimento à carreira, Spix, adoecido, faleceu seis anos após esse retorno.

³¹ Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) nasceu igualmente na atual Alemanha. Médico e botânico, lecionou Botânica na Universidade de Berlim e foi diretor do Jardim Botânico de Munique. Veio ao Brasil como um dos integrantes da Missão Austríaca, como descrito na nota acima. Permaneceu no país entre 1817 e 1820, tendo como companheiro de viagem o zoólogo Johann Baptist von Spix. Um dos mais importantes naturalistas que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia.

dos bandos de macacos, a contínua gritaria de inúmeros papagaios, melros e tucanos, as bicadas, que ressoam longe, dos pica-paus, os sons metálicos da araponga, os tons cheios de piprídeos, os chamados dos mutuns, dos jacus etc.”.³²

Mesclando estranhamento e “algazarra”, as sonoridades da natureza, a despeito de escutadas com certa admiração e interesse pela exploração dos recursos da região, costumeiramente apresentavam-se entremeadas ao temor, face aos riscos de morte que comportavam – “ataque de cobras, animais selvagens e bandos armados, fome, sede, desorientação”³³; um dos relatos descreveu que, por ocasião de tempestades, “[...] trovões eram seguidos dos aterrorizados gritos de mulheres e crianças”.³⁴ Tais sonoridades, escutadas durante os Períodos Colonial e Imperial, exprimiam um mundo ainda desconhecido e até então inominável, que exigia um esforço de adequação semântica (e epistêmica) aos quadros do imaginário ocidental, sobretudo do saber científico. Somente após um mapeamento biológico e geofísico mais exaustivo da região, já em meados do século XX, tal receio foi sendo diluído; todavia, outros medos sobrepuseram-se, provocados justamente pelas intervenções humanas, as quais trouxeram o risco da poluição de terras e águas, da destruição do ecossistema, da queda de barragens, face a não adoção de uma lógica econômica pautada na sustentabilidade.

A chegada dos sertanistas, ainda no final do século XVII, afetou duramente não apenas as relações ecológicas até então vigentes ao longo do curso d’água do Gualaxo do Norte, como principalmente os modos de vida indígena existentes na região. Diante das práticas de morticínio e da utilização de mão de obra escrava, os ameríndios inicialmente reagiram por intermédio do enfrentamento direto,

³² SPIX, Johan Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*: 1817-1820. Tradução de Lucia Furquim Lahmeyer, revista por B. F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães. 3ª. ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 1976 [1824-1832]. p. 175.

³³ FURTADO, Júnia Ferreira. Os sons e os silêncios nas Minas de Ouro. *In*: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica**: Europa, Américas e África. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/Fapemig; PPGH-UFMG, 2008. P. 27.

³⁴ POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976 [1823 e 1837]. p. 94. O autor nasceu em Česká Kamenice (Boêmia) e faleceu em Viena, ambos na Áustria atual. Estudou na Universidade de Praga e atuou como médico, geólogo e botânico. Foi conservador do Real e Imperial Gabinete de História Natural do Imperial Museu do Brasil, em Viena. Integrou a Missão Austríaca ao Brasil. Contudo, desligou-se do grupo, traçando seu próprio roteiro de viagem de quatro anos pelo interior do Brasil, entre 1817 e 1821. Vitimado pelas febres tropicais, regressou à Europa em 1821, com grandes coleções de espécimes geológicas e naturais, depositadas no Museu de Viena. Também produziu um livro de botânica, intitulado Ícones e descrições de plantas do Brasil até agora inéditos (*Plantarum Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae*).

entretanto, devido à desigualdade de forças, viram-se eliminados ou aprisionados em pouco mais de duas décadas. Em paralelo, suas sonoridades e musicalidades foram desqualificadas pelos padrões da cultura ocidental de matriz europeia:

A dança é o maior prazer desses índios; entretanto, não é entre eles mais que um sapateado monótono que acompanham com cantos grosseiros, e suas canções não têm, por assim dizer, o menor sentido. Tem uma que apenas consiste em uma longa enumeração dos animais que matam em suas caçadas; outras são mais ridículas ainda, tais como esta: *abaaí bita popí amabá poaté poteice anári*; quando as mulheres vão urinar, as árvores olham e não dizem nada.³⁵

Os poucos sobreviventes tiveram que emigrar para o norte e para o oeste, áreas ainda não colonizadas então conhecidas como "sertões". Se é impossível reproduzir as sonoridades desses grupos indígenas em seus embates de resistência, subsistem musicalidades atualmente promovidas por etnias do tronco Jê, em Minas Gerais, a exemplo dos Maxacali, por meio das quais é possível evocar o dilema das perdas sofridas e a luta pelo reconhecimento de seus direitos de reintegração à terra e ao modo de vida a ela associado.

Com a intensificação da extração do ouro e a dinâmica de trocas entre os arraiais e as primeiras vilas fundadas, outros sons de fauna fizeram-se ouvir, num indicativo da transposição biológico-cultural promovida pela colonização: zurros, relinchos, guinchos e cacarejos mesclavam-se aos latidos dos cachorros, aos trotes dos cascos, das ferraduras e à fala das pessoas. Desde o cair da noite, era também possível escutar o canto dos galos.³⁶ Acresce que os ofícios promovidos nesses arraiais mantinham sons característicos, numa imbricação do rural e do processo de

³⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [1830-1851]. p. 214. Augustin François César Provençal de Saint-Hilaire (1779-1853) nasceu em Orleães e faleceu na mesma cidade (França). Oriundo de família nobre, teve formação em comércio e indústria no norte da Europa, a fim de dirigir uma empresa familiar de refinaria de açúcar, o que lhe propiciou domínio do inglês e do alemão, primordial à sua trajetória científica e cultura literária. Tinha grande interesse na literatura romântica e nos diários de viagem. Retornando à França, dedicou-se à história natural, optando por estudar botânica. Em 1816, integrou a delegação do Duque de Luxemburgo (cujo objetivo era resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana, passado o período napoleônico). Retornando à França em 1822, após seis anos de permanência no Brasil; apesar de uma doença nervosa que o limitava, dedicou-se a organizar seus escritos por 30 anos. Tornou-se membro da Academia de Ciências em 1830 e em 1834 tornou-se professor de botânica na Faculdade de Ciências de Paris. Aposentou-se em 1852 e faleceu no ano seguinte.

³⁶ VIANA, Fábio Henrique. **A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)**. 2011. 203f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. 26; 38.

urbanização, com seus respectivos artefatos, como a batida dos monjolos, o circular das rodas d'água, o bramir das ferramentas utilizadas em edificações, sendo este último "brusco e estridente, frequentemente entrecortado por pequenas faíscas e associado a uma forma de trabalho e de vida considerada opaca e bruta, como a polifonia advinda do contato das marretas com as pedras".³⁷ Outras sonoridades inconfundíveis eram aquelas provindas das tarefas da mineração, seja na sutileza do ruído de atrito dos pequenos seixos com a areia molhada, metálico nas bateias de estanho e surdo nas de madeira, seja nos estalos das rochas se quebrando ou mesmo explosões eram comumente ouvidos nas áreas mineradoras.³⁸

Grande parte do trabalho da mineração no entorno do Gualaxo do Norte era empreendido por escravos africanos e seus descendentes, os quais promoviam sonoridades próprias, capazes tanto de atrair como de atemorizar – os "bataques". Por seu ritmo sincopado, pelas umbigadas e outros passos de dança, e sobretudo por promover uma proximidade de homens e mulheres, escravos, forros, brancos pobres e até de estratos sociais elevados, os bataques tornaram-se uma expressão emblemática de tensões e contradições de Minas colonial. Apreensivas, as autoridades locais mandavam que as rondas militares os dispersassem, ao mesmo tempo que quebrassem os tambores. Todavia, com ou sem instrumentos, o batuque voltava a acontecer assim que a tropa saía, com vozes e palmas.³⁹

Em meados do século XVIII, foi promovida a abertura de um caminho para a comarca de Serro Frio, onde haviam sido descobertos diamantes no arraial de Tejuco, o qual atravessava Bento Rodrigues, subindo então para o sertão de Goiás.⁴⁰ Ao longo dessa via, bem como junto a outras picadas que davam acesso a Bento Rodrigues, multiplicavam-se as vendas, locais de grande atrativo por seus comestíveis, e também de expressiva sonoridade. Saint-Hilaire assim as descreveu:

³⁷ OLIVEIRA, Júlio Cesar. A polifonia perdida do Arraial do Tijuco. **Opsis**: Revista do Departamento de História e Ciências Sociais - UFG, v. 8, n. 11, p. 37-58, 2008. p. 49.

³⁸ VIANA, Fábio Henrique. *Op. Cit.* p. 30-32. Não há registros de uma outra importante sonoridade afrodescendente em Bento Rodrigues – o Congado –, provindo do catolicismo de confraria. No povoado, fora edificada no século XVIII a Capela de Nossa Senhora das Mercês, de grande devoção entre os libertos da escravidão, cf. FREITAS, Anielle Kelly Vilela; CASTRIOTA, Leonardo Barci. Conservação e valores na proteção da paisagem cultural de Bento Rodrigues. ENCONTRO INTERNACIONAL ARQUIMEMÓRIA, 5: sobre preservação do patrimônio edificado. **Anais...** Salvador, 27 de nov a 1 dez. 2017. p. 4, mas não houve igrejas dedicadas a devoções negras, como Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia ou São Benedito.

³⁹ *Ibidem*, p. 47-49.

⁴⁰ OLIVEIRA, José Eduardo de. *Op. Cit.* p. 18-19.

Nada se pode comparar ao ruído confuso e discordante que reina nas vendas muito frequentadas: uns riem, outros discutem; todos falam com loquacidade: este aqui, sem ligar ao que se passa em redor, dança sapateando; aquele outro, encostado indolentemente à parede, canta com voz afinada uma canção bárbara, acompanhando-se de um instrumento mais bárbaro ainda.⁴¹

Entre os séculos XVIII e as primeiras décadas do XX, várias expressões musicais foram promovidas no povoado (de forma similar a centenas de pequenas localidades mineiras), como as executadas por violas de mão (parecidas com as violas caipiras da atualidade), dos cordofones dedilhados, dos descantes (um tipo menor de viola) e das machetes (algo próximo do cavaquinho de hoje). Esses instrumentos eram tocados pelos “tangedores” em encontros informais, geralmente naquelas vendas de beira dos caminhos.⁴² Havia também celebrações realizadas por ocasião de aniversários, batizados, casamentos. Nesses eventos, era costume que fosse tocada a “arromba”, um tipo de dança que ficou na memória local através da expressão “festa de arromba”, além de modinhas e lundus.⁴³

Na passagem do século XIX para o XX, a dinâmica da modernização foi sendo estendida à região do Gualaxo do Norte, com inaugurações sucessivas: dos ramais ligando Ouro Preto e, em seguida, Mariana, à Estrada de Ferro Central do Brasil; dos prédios das estações rodoviárias dessas duas cidades, num indicativo da ampliação das estradas pavimentadas que cruzavam esses municípios; da instalação da luz elétrica, da rede de telefonia, telégrafo e correio; fábricas foram igualmente abertas. Em paralelo, a mineração conheceu um novo surto de crescimento na continuidade da extração aurífera e na retirada de outros metais (como alumínio, bauxita e quartzo). Em Mariana, foram fundadas algumas sociedades voltadas para a exploração mecanizada das minas de ouro nos arredores de Bento Rodrigues, como a Sociedade de Mineração Morro do Fraga, em 1915, e a da Fazenda Mirandinha, em 1932.⁴⁴

⁴¹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Op. Cit.* p. 40.

⁴² VILELA, Ivan. Vem viola, vem cantando. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, 2010. p. 328.

⁴³ BUDASZ, Rogério. **O Triângulo Atlântico**: sons da Ibéria, África e Brasil durante o período colonial. s. d. Disponível em: <http://www.rem.ufpr.br/banza/sonora/triangulo.html>. Acesso em: 5 set. 2022; VIANA, Fábio Henrique. *Op. Cit.* p. 45.

⁴⁴ ICOMOS BRASIL. *Op. Cit.* p. 68-69.

Durante o Regime Militar, as minas de Bento Rodrigues mantiveram uma produção parcial: enquanto a lavra de Ouro Fino exauriu-se, a mina Morro do Fraga seguia ativa, produzindo tanto ouro quanto minério de ferro.⁴⁵ Porém, as pequenas sociedades de mineração existentes na cidade de Mariana demonstravam extrema dificuldade para se manterem ativas, o que gerou uma oportunidade para que empresas dedicadas principalmente à extração de ferro passassem a atuar no município: S.A. Mineração Trindade (Samitri), Companhia Vale do Rio Doce e Samarco S.A, a qual instalou-se em Mariana em 1977. Inicialmente, a Samarco atuou em uma antiga fazenda nos arredores de Bento Rodrigues, a Mina do Germano. Para alocação dos rejeitos desse complexo minerário, a Samarco construiu três barragens: Germano, Fundão (em 2007) e Santarém. A partir da década de 1990, a empresa iniciou as operações de lavra na Mina da Alegria, em um entroncamento entre Mariana e Ouro Preto.

No tocante às sonoridades associadas a essa nova fase de mineração, há inúmeros registros e laudos técnicos dos “impactos [trazidos] pela poluição sonora advindos dos ruídos das detonações na fase de desmonte do minério”⁴⁶. Ademais,

Muitas atividades minerárias dependem de proximidade do mercado (areia e calcário-cimento) que vão essencialmente privilegiar o transporte rodoviário. [...] os impactos sobre as vias são notórios, em especial em espaços urbanos, sem contar externalidades como poluição sonora e atmosférica.⁴⁷

Além disso, é claramente perceptível que as atividades mineradoras no estado de Minas Gerais mostraram-se, até a atualidade, indissociáveis do medo do desemprego, de enfermidades e até do risco de morte iminente, tragicamente sonorizadas pela queda da Barragem de Fundão, em 2015 (conforme escutado em vários vídeos disponibilizados na plataforma *Youtube* imediatamente após o

⁴⁵ *Ibidem*, p. 71.

⁴⁶ NUNES, Magno Alex de Jesus; COSTA, Silvine Gasparino; SILVA, Rosiane Gomes. **O Quadrilátero Ferrífero e o norte de Minas Gerais**: análise da história e importância econômica. s. d. Disponível em: http://unimontes.br/arquivos/2012/geografia_ixerg/eixo_politica_meio_ambiente/o_quadrilatero_ferrifero_e_o_norte_de_minas_gerais_analise_da_historia_e_import%C3%82ncia_econ%C3%94mica.pdf. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

⁴⁷ CAMPOLINA, Bernardo; CAVALCANTE, Anderson. Economia minerária e seu impacto urbano: desafios e contradições na Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Redes**, Santa Cruz do Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, jan.-abr. 2017. p. 18.

rompimento). Efetivamente, as descrições sonoras do solapamento do povoado de Bento Rodrigues são impactantes:

Os sons em Bento Rodrigues aos finais de semana eram tradicionais: crianças brincando pelas ruas, pequenos bate-papos com vizinhos e amigos em frente de casa, festas e reuniões familiares. Com tudo de baixo da lama, o dia 6 de novembro [de 2015] era para ser o mais silencioso do pequeno povoado mineiro. Mas, dessa vez, o ambiente de Bento Rodrigues foi preenchido pelo barulho de helicópteros e grupos de resgate, que circulavam pelo vilarejo à procura de sobreviventes.⁴⁸

Com base no estudo promovido pelo projeto “Gualaxo Vivo” acerca das sonoridades históricas do entorno do Gualaxo do Norte, nos foi possível reconhecer a gravidade das perdas sofridas pelas comunidades e pelo ecossistema situados no entorno desse rio. Muitas dessas perdas mostram-se irreparáveis (ao menos nas condições em que tais vivências eram promovidas, a despeito dos programas de reassentamento), perdurando apenas nas memórias, a exemplo dos ruídos⁴⁹ cotidianos das águas, dos quintais, dos animais de estimação e de criação; das conversas da vizinhança e do lazer com os amigos; dos festejos e dos sinos das capelas soterradas. Assoma-se a isso as vozes dos que faleceram em decorrência da ruptura da Barragem, seja por serem submersos pela lama, seja por efeitos físicos e emocionais decorrentes de tanta destruição.

Todo mundo conhecia todo mundo. [...] Os vizinhos, a gente gritava um e outro do muro. Dona Penha me gritava de lá, eu gritava ela de cá. Quase toda reunião que tinha era na praça. Quando tinha festa, o som e as brincadeiras também eram na praça. Era o point, né? [...] Hoje, não tem graça de brincar mais, porque a gente não vê quase ninguém. (Maria das Graças Quintão, moradora de Bento Rodrigues).⁵⁰

⁴⁸ Marcas da lama: 1 ano do maior desastre ambiental do país. **Brasil de Fato**, 1 nov. 2016. Disponível em: <http://pensaeei.blogspot.com/2016/11/marcas-da-lama-o-maior-desastre.html>. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

⁴⁹ Este termo, que portava costumeiramente um sentido pejorativo, associado a um som desagradável ao padrão cultural historicamente vigente, vem sendo resignificado pelas ciências humanas contemporâneas, que destacam sua incidência provocativa, em termos político-culturais, e de abertura para novas percepções e relações. Os ruídos, inclusive, vêm sendo incorporados em algumas produções musicais, cf. CAMPESATO, Lílian. *Dialética do ruído*. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 20. **Anais...** Florianópolis, 2010.

⁵⁰ MUNIZ, Marcos *et al.* Com apoio de RANGEL, Laura; FÉLIX, Daniela; FILQUEIRAS, Silmara. Minha vida lá. **Jornal A Sirene**, Ed. 20, nov. 2017, p. 4. Cf. também “Antônio, Heleno e Paulo, sinto falta de chegar em casa, ligar o som do

Foi justamente buscando não apenas inventariar, mas sobretudo realçar a significância⁵¹ dessas sonoridades, em grande parte sob o risco de desaparecimento, que o projeto “Gualaxo Vivo” procedeu à constituição das cartografias histórico-sensoriais veiculadas em sua plataforma digital, indicativas da intensa pluralidade sonora do entorno do Gualaxo do Norte. Por sua vez, a elaboração dessas cartografias e, principalmente, a realização de oficinas culturais e pedagógicas em Ouro Preto, Mariana e Barra Longa nos permitiu “entreouvir” a potência de recriação – mescla de resiliência, resistência e luta transformadora – das relações socioculturais e ambientais mantidas pelas comunidades afetadas com o seu território, propiciadas pela dimensão performativa do sonoro.⁵² É necessário destacar como, ao longo dos quase sete anos após a ruptura da Barragem de Fundão, foram retomadas tantas práticas sonoras significativas aos povoados situados ao longo do rio Gualaxo do Norte. Exemplos podem ser elencados: a folia de reis de Paracatu de Baixo, os campeonatos de futebol de Bento Rodrigues, as procissões dos santos padroeiros, as festas juninas, as orações das benzedadeiras, variados ofícios do campo, dentre outros.

Para retomada dessas sonoridades potencializadoras do vivido, verificamos ter sido fundamental a constituição de uma rede de apoio e assessoria, mantida por entidades como a Cáritas de Minas Gerais, a Aedas (*Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social*), a Arquidiocese de Mariana, o ICOMOS, entre outros, além da atuação de órgãos públicos, como o COMPAT e o Ministério Público de Minas Gerais. Cabe também destacar a relevância de plataformas digitais como as do jornal *A Sirene*,⁵³ no compartilhamento das vozes dos(as) atingidos(as). Em paralelo, a

carro e gritar vocês” (Reginaldo, morador de Paracatu de Baixo). GONÇALVES, Eva da Paixão *et al.* Com apoio de QUEIRÓZ, Luzia; BONIFÁCIO, Miriã. Não te ver... dá uma saudade. Jornal **A Sirene**, Ed. 18, set. 2017, p. 9.

⁵¹ Identificamos grande afinidade da operatória do projeto do “Gualaxo Vivo” com a noção de significância descrita por Leonardo Castriota, a partir da Carta de Burra, produzida pelo ICOMOS Austrália em 1999: “conjunto dos ‘valores estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, presentes ou futuras’ [...] em um determinado contexto espacial e temporal”, cf. BARCI-CASTRIOTA, L. Patrimônio e direitos humanos: a ação do ICOMOS no caso de Bento Rodrigues. In: YORY, C.M. (Ed.), **Identidad territorial, globalización y patrimonio**. Bogotá: Editorial Universidad Católica de Colombia, 2021. p. 101-102.

⁵² “[...] o vocabulário da negatividade [da falta] nada tem a ver com formas de julgamento resignado da vida [...]. Ao contrário, ele é fruto da consciência do descompassado entre modos de determinação da vida social e as potencialidades da vida, cf. SAFATLE, Vladimir. O amor é mais frio que a morte: negatividade, infinitude e indeterminação na teoria hegeliana do desejo. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 117, p. 95-125, jun. 2008. p. 117.

⁵³ *A Sirene* é um periódico produzido pelos(as) atingidos(as) e para os(as) atingidos(as) da queda da Barragem de Fundão. Resultou de uma série de ações desenvolvidas pelo coletivo denominado #UmMinutoDeSirene, que desde a queda da Barragem de Fundão, contando com o apoio de outras instituições e grupos, como o Instituto

Fundação Renova, entidade juridicamente responsável pela reparação dos danos causados pelo rompimento da Barragem de Fundão, tem atuado em frentes diversificadas para recuperação das áreas afetadas, sendo seus programas divulgados em canais de comunicação por ela mantidos (como jornais,⁵⁴ vídeos, boletins e, principalmente, seu site).⁵⁵

3. As primeiras oficinas do projeto pedagógico “Sonoridades Históricas de Bento Rodrigues”

Face ao convite recebido do “Gualaxo Vivo”, em julho de 2022, para promoção de um projeto pedagógico sobre a dimensão cultural de Bento Rodrigues a partir das sonoridades, no período anterior à queda da Barragem, foram promovidas reuniões preparatórias com integrantes da equipe dessa pesquisa, do corpo docente e da equipe pedagógica da Escola. Tais conversas culminaram na elaboração de um plano de ação, acompanhado por um cronograma, que prevê a realização de quatro encontros, ainda em 2022, com os(as) 14 estudantes do 6º ano do ensino fundamental, sendo dois (2) em agosto, um (1) em setembro e um (1) em outubro, a culminar no emblemático evento organizado pela escola de Bento Rodrigues, que ocorre todos os anos no dia cinco (5) de novembro e, excepcionalmente nesse ano, a comunidade escolheu o dia 12 de novembro de 2022 para a realização do evento, devido à nostalgia que o dia cinco (5) representa para a comunidade.

Dessa maneira, o primeiro encontro, em formato de oficina, ocorreu em 17 de agosto de 2022,⁵⁶ em horário invertido ao turno de aula,⁵⁷ para não

de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da UFOP e a Arquidiocese de Mariana, cf. CELESTINO, Silva Marcelo; SILVA, Fábio Augusto Rodrigues. Uma análise das reportagens no jornal *A Sirene*: um porta-voz dos atingidos pelo desastre da Samarco. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 7. n. 2, 2017.

⁵⁴ Jornal *Voz da Comunidade*, em Mariana e Jornal *Terra da Gente*, em Barra Longa.

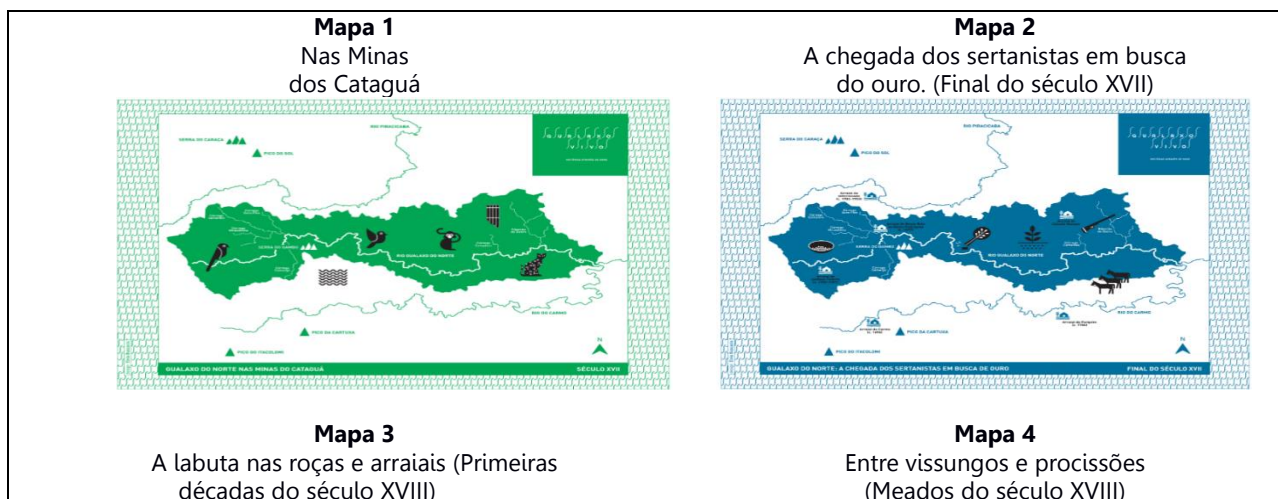
⁵⁵ Contudo, o proceder desta instituição tem sido alvo de vários questionamentos: “Além das dificuldades inerentes ao próprio processo de construção coletiva, as críticas mais contundentes são relacionadas ao processo de indenização e seus problemas associados, e à lentidão na entrega dos reassentamentos [...] O sentimento de desconfiança é ainda mais forte nas comunidades atingidas”, cf. DINAT, Camila. **Revisão sistemática de literatura do modelo de governança da Fundação Renova**: subsídios para uma análise crítica. 2022. 72f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade e Gestão Ambiental) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022. p. 16-17.

⁵⁶ Participaram desta oficina como dinamizadores: Silvano Diniz, Cibele Viana, Virgínia Buarque, Marcone Guedes, Isaías Franco, Laura Ribeiro e Elvis Firmino.

⁵⁷ As aulas do 2º segmento do ensino fundamental ocorrem à tarde na Escola, e os alunos participaram da oficina no turno da manhã. Agradecemos à equipe docente e pedagógica, assim como à direção da Escola, por seu cuidado em providenciar o transporte escolar e o lanche para os estudantes terem condições de participar das oficinas já realizadas.

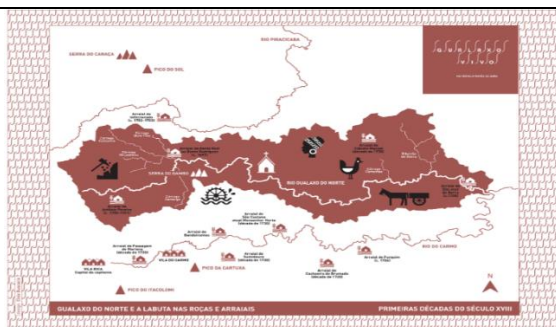
comprometimento do planejamento das atividades curriculares. Oficinas pedagógicas podem ser concebidas como “[...] uma forma de construir conhecimento a partir da ação-reflexão-ação. Ou seja, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos [...] uma maneira de constituir conhecimento, com destaque na ação, sem perder de vista, a base teórica”.⁵⁸

A oficina foi precedida pela explicação da sequência dos 4 encontros, a convergir na atividade do dia 12 de novembro, momento no qual toda a escola se reúne com o objetivo de conhecer os projetos desenvolvidos e seus resultados. O intuito dessa primeira oficina era favorecer o (re)conhecimento dos processos históricos de ocupação e transformação do entorno socioambiental do Gualaxo do Norte a partir das sonoridades. Para isso, em termos metodológicos, foram apresentadas, de forma interativa, três (3) sonoridades integrantes de cada um dos 10 mapas histórico-sonoros do projeto “Gualaxo Vivo”,⁵⁹ abarcando o período do século XVII à atualidade.



⁵⁸ JESUS, Patrícia Gonçalves de; RIBEIRO, Cristiane Maria. **Oficina pedagógica**: um produto educacional como oportunidade de conhecimento das ações afirmativas. Urutá: Instituto Federal Goiano, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/599688/2/Produto%20educacional%20final%20Oficina%20Pedagogica.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2022. p. 4.

⁵⁹ Tais sonoridades eram de domínio público ou tiveram seu uso autorizado pelos detentores dos direitos autorais para sua veiculação no site do projeto “Gualaxo Vivo”.



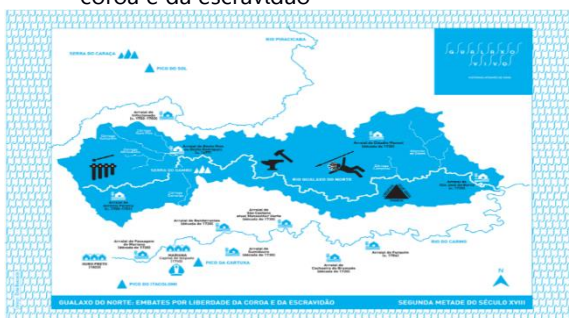
Mapa 5

Gualaxo do Norte: embates por liberdade da coroa e da escravidão



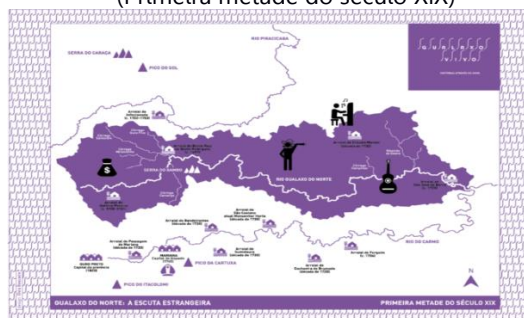
Mapa 6

A escuta estrangeira (Primeira metade do século XIX)



Mapa 7

Introdução da indústria e de sociabilidades burguesas. (Segunda metade do século XIX)



Mapa 8

O fascínio da modernidade (Primeira metade do século XX)



Mapa 9

Do lucro ao luto (segunda metade do século XX até 5 de novembro de 2015)



Mapa 10

Luta e esperança (Desde 5 de novembro de 2015)





Fig.1 – Mapas histórico-sensoriais do projeto “Gualaxo Vivo: histórias através de sons”.⁶⁰**QUADRO I – Descrição dos ícones e sonoridades dos Mapas**

Mapa	Ícone	Experiência sonora	Metadado sonoro	Processo histórico
Mapa 1		Rio	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dnOL8Y3ubXI .	Destaque ao impacto sonoro dos elementos abióticos e da fauna, indicativo da pluralidade do ecossistema, bem como a presença dos povos indígenas na região (genericamente conhecidos como “Cataguá”) antes da chegada dos colonizadores.
		Maritaca	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hZQ5AlAjgVI .	
		Indígenas	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=opD2qDnp4Y8 .	
Mapa 2		Bateia	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ETkA_mj3wqA .	Realce às reverberações sonoras das primeiras práticas de ocupação da região no final do século XVII, vinculadas à extração minerária, junto aos desafios de subsistência (com plantio das roças, principalmente de milho) e à ação dos tropeiros.
		Derrubada de mata	Som disponível em: https://www.audiomicro.com/tree-falling-tree-fallfalling-object-tree-falling-sound-effects-45041 .	
		Tropeiros	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zYsl8kl_d7A .	
Mapa 3		Animais domésticos	Som disponível em: https://www.audiomicro.com/rooster-animals-beastssound-effects-39877 .	Reconhecimento de atividades socioeconômicas ligadas ao surgimento dos arraiais e vilas, que teve no emprego de africanos trazidos em diáspora e escravizados uma crucial condição de realização e de lucro. Debate sobre as características da ruralização da vida social, de forma articulada à urbanização.
		Roda d'água	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tLgCR5FisPg .	
		Presença africana	“Cantiga de levar defunto na rede” - Gravação de Vissungo da região de Diamantina, MG Fonograma 57a – Coleção Luiz Heitor C. de Azevedo	
Mapa 4		Batuques	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zcAIP7kHbV0&t=162s	Destaque às mudanças ocorridas em decorrência principalmente da mineração e da urbanização, que incorporaram novas sonoridades às diversas vilas e cidades que iam sendo fundadas. Crítica ao processo de escravização e debate sobre as formas de resistência e de subversão às hierarquias sociais, inclusive através das sonoridades, como os “batuques”.
		Fogão de lenha	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CBkN9OKZo aE	
		Carro de boi	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CUxkGkSqAZ8	
		Marimba	Som disponível em https://www.youtube.com/watch?v=BI8d7CL5H7o	Ênfase aos diversos conflitos ocorridos entre os segmentos da

⁶⁰ Disponíveis no site www.gualaxovivo.com.br.

Mapa 5		Bigorna	Som disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WhShgew1Dl	sociedade, em especial, às fugas de escravos que se dirigiam a quilombos onde vislumbravam uma nova forma de vida, além do aprisionamento dos indígenas obrigados a assimilar o modo de vida do colonizador, imposição a qual muitos resistiam.
		Guerra contra indígenas	Som disponível em https://www.facebook.com/watch/?v=752248581780401	
Mapa 6		Viajantes estrangeiros	Trecho retirado do livro <i>Travels in the Interior of Brazil</i> , de John Mawe, p. 269. Áudio narrado em Inglês.	Indicação do fomento do comércio promovido por ingleses, mas mudanças significativas para os grupos empobrecidos. Realização de saraus nas casas abastadas, que adquiriam pianos. A maioria da população festejava com instrumentos como a viola e as machetes. (algo próximo do cavaquinho de hoje).
		Comércio	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-ULGZ6nmgNU&vl=em	
		Viola	Som disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ksNhbvk33FA	
Mapa 7		Telégrafo	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hIN1wH4iYdg	Enfoque às inovações tecnológicas introduzidas na atividade mineradora e no cotidiano social, assim como à adoção de novos gêneros musicais europeus, como quadrilhas, valsas e polcas. Não menos animados eram os festejos populares, onde era tocada a "arromba".
		Ferrovia	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Vi573DMitl	
		Danças e cantigas	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VAAtSwJm1D8M .	
Mapa 8		Festas religiosas	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qci4xbh_gn8	Realce à importância das festas religiosas na região, que congregam diversas manifestações político-culturais como o Congado. Outra presença marcante são as bandas de música e seu repertório com predomínio das marchas. Através da música, era possível resistir mais e melhor às durezas e desafios da vida.
		Bandas de música	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OH7veggXEXc	
		Congado	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uHNFamiagIQ	
Mapa 9		Mineradoras	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bLT_CKYmTyU	Destaque às mudanças ocorridas na região com a chegada das grandes mineradoras, em detrimento de outras atividades econômicas (como o turismo), a culminar no rompimento da Barragem de Fundão, cuja lama contaminou os rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce, chegando até a foz no Oceano Atlântico.
		Turismo	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o04HtVxKI44	
		Queda da Barragem	Som disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8788967/	
		Folia de Reis	Som disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PnLTv4s7Z24	Apresentação das práticas culturais, econômicas e religiosas que

Mapa 10		Futebol	Som disponível em : https://globoplay.globo.com/v/8788967/	ajudam os moradores atingidos, agora residentes nos centros urbanos de Mariana e Barra Longa, a persistir em suas lutas, apoiados por redes de cooperação com universidades públicas e organizações não governamentais.
		Ervas Medicinais	Som disponível em : https://www.facebook.com/watc/h/?v=1979216822341819	

A oficina mostrou-se bastante lúdica, com os(as) estudantes reconhecendo sem maiores dificuldades a maioria das sonoridades vinculadas a cada mapa e que se encontrava neles representada por meio de ícones.⁶¹ Superou-se, assim, o receio inicial dos dinamizadores da oficina quanto a um possível desinteresse da turma pela proposta, o que poderia gerar um não comprometimento dos(das) discentes, prejudicando as almeçadas interlocuções.



Fig. 2 – Fotografias da 1ª. oficina pedagógica do projeto “Sonoridades Históricas de Bento Rodrigues”.⁶²

⁶¹ Segundo a semiótica fundamentada em Peirce, o signo produz significação mediante uma dinâmica triádica, que envolve o objeto (o referente/o existente); o *representamen* (veículo signico propriamente dito) e o interpretante (efeitos causados pelo signo na mente do receptor). No que se refere à relação do *representamen* com o objeto, Peirce distribuiu os signos em ícones (que por sua vez podem ser desdobrados em imagens e diagramas), índices e símbolos. A imagem é um ícone cuja semelhança baseia-se no aspecto corporal do objeto-referência, ou seja, em sua aparência visual. De forma concomitante, o diagrama consiste em uma outra modalidade de ícone, cuja semelhança baseia-se nas relações proporcionais (geralmente de cunho quantitativo) mantidas entre o objeto-referência representado e seu registro gráfico. Ver: MONTEIRO, Ricardo Rodrigues. **Semiótica e cartografia**: um estudo dos signos e da comunicação dos mapas pelas teorias de Charles Sanders Peirce. 2018. 365f. Tese (Doutorado em Ciências – Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. No projeto Gualaxo Vivo, a espacialidade sonora “entorno do Gualaxo do Norte” tornou-se um diagrama através da arte gráfica de Elvia Buscacio Agafonovas.

⁶² As fotografias encontram-se aqui reproduzidas com autorização dos responsáveis e da Escola, por isso as imagens dos rostos dos adolescentes não foram esmaecidas.

A despeito da familiaridade dos(as) alunos(as) com a maioria dos sons veiculados por intermédio de celular e amplificador, foi preciso, contudo, apresentar alguns mais de uma vez, como o da bateia (Mapa 2), para que pudessem ser reconhecidos. Houve sons que ainda assim perduraram não identificados, como o da marimba (Mapa 5).

A oficina, com isso, culminou na reflexão a respeito do processo de silenciamento a que determinados sons foram submetidos, indissociáveis da relação de poder exercida em âmbito cultural: a marimba, por exemplo,

[...] foi um dos instrumentos de acompanhamento vocal mais populares entre as populações de escravizados ou forros [...] [era] de pequeno porte, de som agradável até mesmo aos ouvidos de um europeu médio, a ponto de ser comparado a um instrumento de cordas [...] Entretanto, no início do século XX, quando o surto modernizante não os atingiu [aos afrodescendentes], [...] não obteve a mesma atenção e a perseguição que desencadeou não foi tão contundente e ostensiva como em relação aos tambores [...], o que pode ser constatado na ausência de referências às 'marimbas' nas fontes do final do século XIX.⁶³

Tal processo foi ainda mais agravado com a queda da Barragem de Fundão, pois vários sons elencados pelos grupos não são mais vivenciados em seu cotidiano face ao processo de desterritorialização a que foram submetidos e aos impactos sofridos pelo ecossistema: os pássaros que os (as) atingidos (as) antes podiam ouvir das janelas de suas casas, o prazer da "prosa" entre os vizinhos, hoje inexistente devido à dispersão urbana dos(das) moradores(as) pela sede urbana de Mariana. O próprio silêncio, por vezes perturbador e outras relaxante, antes experienciado no Subdistrito, tornou-se recordação nostálgica.

Em 31 de agosto de 2022, foi promovida a segunda oficina,⁶⁴ que teve como objetivo incentivar a partilha das sonoridades tidas como identitárias da localidade de Bento Rodrigues antes de sua destruição pela queda da Barragem de Fundão. Para tanto, recorreu-se, em termos metodológicos, ao mapa do povoado produzido pela

⁶³ SILVA, "Saloma" Salomão Jovino da. **Memórias sonoras da noite**: musicalidades africanas no Brasil Oitocentista. 2005. Tese (doutorado em História). PUC-SP, São Paulo, 2005. p. 200-202.

⁶⁴ Participaram como dinamizadores: Silvano Ferreira Diniz, Virgínia Buarque, Isaías Franco, Elvis Firmino, Laura Ribeiro.

é verdade. Seu Filomeno e alguns amigos, quando estavam ajudando no trabalho do diagnóstico sobre o patrimônio das comunidades atingidas, disseram que nem os pais deles sabiam se isso de ter uma igreja ali era certeza mesmo. Mas, depois, nesse mesmo relatório, conseguiram descobrir que, pelo levantamento, estava faltando uma capela. Usávamos o poço para nadar, e as pessoas que moravam no cascalho (à beira rio) também iam lavar roupa. Aos domingos, quando tinha futebol, o pessoal até ia beber daquela água. Se ela era santa, no sentido milagroso do termo, eu acho que era. Ela reunia as pessoas do Bento. De alguma forma, a água pura juntava a gente. Quem era de cima, quem era de baixo. E também tinha música lá, dos sons de carros, dos cantores e cantoras de beira de lagoa. Era um ritmo, da água, do som, era o nosso ritmo.⁶⁶

A partir dessa etapa, divididos em 4 grupos temáticos, selecionados por eles(as) próprios(as) por expressavam seus específicos interesses socioculturais – “Natureza”, “Escola”, “Esporte”, “Comunidade”, os(as) alunos(as) elencaram algumas sonoridades das quais possuíam certa memória ou, sobretudo, que lhes foram narradas por familiares. Para tanto, procederam a gravações em vídeo (recorrendo aos celulares dos dinamizadores da oficina), a fim de registrar seus depoimentos.⁶⁷

Um dos aspectos que mais se destacou nessa oficina foi a evocação de memórias intersubjetivas, pois como os(as) estudantes eram crianças de cerca de 5 anos quando ocorreu a queda da Barragem, eles enunciam sonoridades numa dinâmica de autoapropriação de valores culturais e ético-políticos sobre sua comunidade de origem. Como já apregoado por Paulo Freire, uma perspectiva revolucionária da ação político-pedagógica “não é possível nem em ator, no singular, nem apenas em atores, no plural, mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação”.⁶⁸

Para que a terceira oficina fosse realizada, em 20 de setembro, foi necessário o aporte de mais uma equipe – a do projeto “Programa-ação”, vinculado ao Instituto Federal de Minas Gerais, *campus* Ouro Preto, coordenado pelo professor Osvaldo Novais Júnior.⁶⁹ Assim, utilizando os tempos de aula dedicados à História, a

⁶⁶ SALES, Andreia; MUNIZ, Marinalda; PASCOAL, Genival. “Era na Água Santa”. *Jornal A Sirene*, 4 abr. 2018. Com apoio de Miriã Bonifácio. Disponível em: <http://jornalasurene.com.br/cultura-memoria/2018/04/04/era-na-agua-santa>. Acesso em: 7 de março de 2022.



⁶⁷ Tais depoimentos, assim como o site que será elaborado a partir dele, irão nortear uma próxima publicação.

⁶⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 16ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 150.

⁶⁹ Este projeto tem como “objetivo estimular e promover a pesquisa científica e a produção de objetos de aprendizagem, baseados nas novas tecnologias de informação e comunicação [...]”, conforme disposto do site institucional do IFMG-Ouro Preto. Participaram da mencionada parceria os estudantes de ensino médio Filipe

professora regente dessa disciplina no 6º ano da Escola acompanhou a partilha em turma das sonoridades captadas pelos quatro (4) grupos temáticos, bem como supervisionou a elaboração de produção textual explicativa, pelos alunos e alunos, acerca desses áudios. Para tanto, foi empregado, como material de apoio, um modelo de ficha como a abaixo reproduzida. Tal esquematização buscou cotejar sons e imagens, oralidade e escrita, na formulação de ambiências⁷⁰ históricas impregnadas de vivências e mobilizações:

SONORIDADES DE BENTO – GRUPO NATUREZA

Sonoridade e ícone	Link ou indicação de captação do som	Imagem com referência (de onde foi obtida, a qual lugar se refere, qual data)	Pequeno texto explicativo feito pelo grupo de alunos sobre o som e a imagem
	Gravação de áudio que havia sido feita pelo estudante	 Cachoeira de Bento Rodrigues Fotografia: Lucas Godoy, 10 de março de 2016	O barulho é bom e quando ouço eu quero pular.

Simultaneamente, a equipe do IFMG produzia o site do projeto (<https://vito0182.github.io/Bento-Rodrigues-a-partir-dos-sons/>). Esta plataforma constitui-se, assim, em um arquivo digital produzido por discentes do ensino básico, entrecruzando (e valorizando) suas memórias acerca da localidade em que viveram e da qual foram subtraídos com o interesse pela vertente da história pública, por meio da qual tal saber vem a ser ressignificado

Em meio a todas essas transformações e disputas criadas pela expansão da produção pública de conteúdo histórico digital na atualidade, encontra-se a escola - a escola pública - na qual não raro

Hermenegildo da Cunha, Luis Eduardo Bastos Rocha, Luiz Miguel dos Santos Goncalves, Vitor Matheus do Nascimento Moreira. Expressamos publicamente nossos agradecimentos ao Programa, que viabilizaram a efetivação do projeto pedagógico aqui descrito, com protagonismo dos alunos e alunas do 6º. ano da Escola Municipal Bento Rodrigues.

⁷⁰ Cf. VEDANA, Viviane. Territórios sonoros e ambiências. Etnografia sonora e antropologia urbana. *Iluminuras*, v. 11, n. 25, 2010. Por ambiência pode-se compreender uma combinatória de modos de vida inter-relacionais, empíricos, simbólicos e intersubjetivos.

faltam computadores e salas de informática, o que dizer então de acesso à internet cabeada ou wireless. É nesse espaço onde a palavra público não é adjetivo, mas substantivo, que a História Pública consumida nos mais diversos meios e formatos se cruza com as ferramentas cognitivas e éticas que o conhecimento histórico, por meio do componente curricular História, pode fornecer, dando sentido à existência e razão para existir.⁷¹

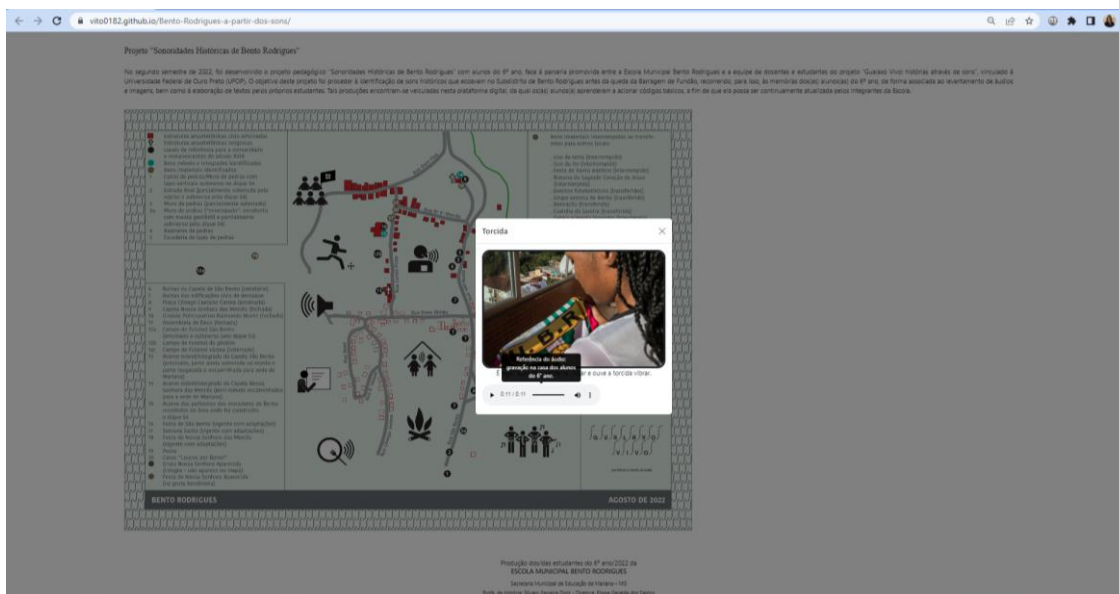


Figura 1 -Bento através dos sons. Disponível em <<https://vito0182.github.io/Bento-Rodrigues-a-partir-dos-sons/>>. Acesso em 21/01/2023

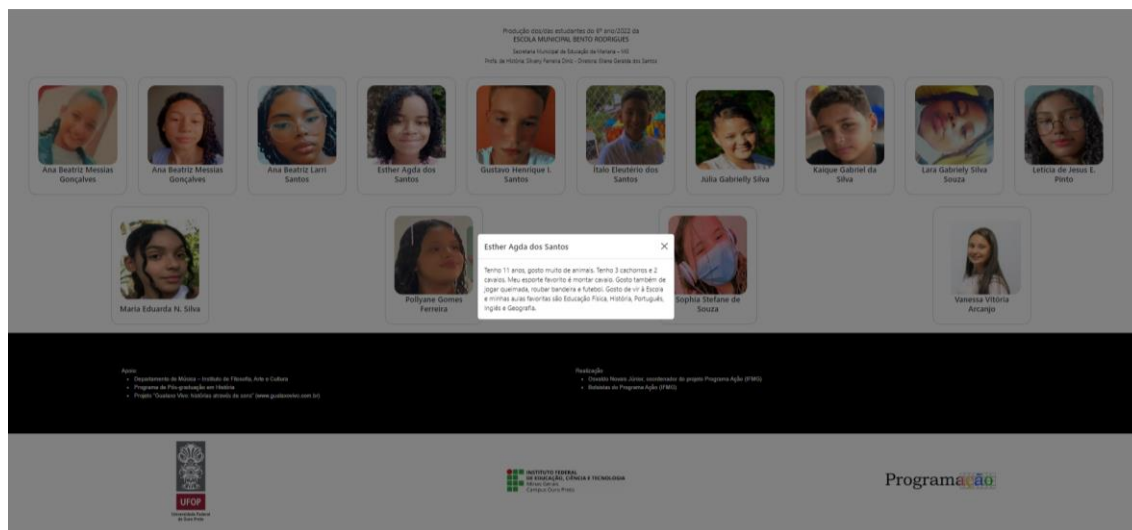


Figura 2 - site interativo - Bento através dos sons - alunos participantes do projeto. Disponível em <<https://vito0182.github.io/Bento-Rodrigues-a-partir-dos-sons/>>. Acesso em 21/01/2023

⁷¹ SOUZA, Bruno Omar de. Quem são, afinal, os historiadores de verdade? Professores de História do ensino fundamental fazendo história pública. In: VIANA, Cibele Aparecida; BUARQUE, Virgínia (org.). **Escrita docente sobre os distritos de Mariana**: interfaces entre a história local e a história pública. Contagem: Escola Cidadã, 2022. p. 63.

Na quarta e última oficina, em 26 de outubro, a professora regente apresentou à turma a primeira versão do site, ouvindo então as opiniões dos estudantes. Foram feitos os últimos ajustes e inseridos imagens, áudios e textos que faltavam, a fim de que o website pudesse ser apresentado à comunidade no evento “Bento Vive”, em 12 de novembro de 2022.



Figura 3 - Alunos e professores do 6º ano, apresentando o projeto sonoridades de Bento Rodrigues para a comunidade no evento "Bento Vive", realizado no dia 12 de novembro de 2022



Figura 4 - Comunidade de Bento Rodrigues presente no projeto “Bento Vive”

Assim, a despeito do processo formativo da Escola ter sido gravemente afetado pela pandemia de Covid-19, quando muitos(as) atingidos(as) tiveram suas práticas de comunicação e diálogo bastante limitadas (ou seja, quando a dimensão sociocultural das sonoridades promovidas pelas comunidades atingidas ficou conseqüentemente ainda mais restrita), o projeto recorreu justamente às mediações digitais intensificadas pela pandemia para ser realizado.⁷² Aliás, houve o crescimento do interesse dos estudantes pelas mediações digitais, o que também estimulou o projeto pedagógico “Sonoridades Históricas de Bento Rodrigues” a incorporar tais linguagens.⁷³

Considerações finais

As oficinas realizadas com os(as) estudantes do 6º ano da Escola Municipal Bento Rodrigues nos permitem afirmar, a relevância do emprego das sonoridades no ensino de História em uma tríplice dimensão: 1) na reflexão/reelaboração de suas culturas de história/saber histórico; 2) na evocação estético-afetiva, com acionamento de memórias orientadoras de escolhas e ações na vida cotidiana;⁷⁴ 3) na revalorização da esfera pública, com mobilizações em defesa dos patrimônios – inclusive sonoros – para usos públicos e em favor dos direitos comunitários.

Efetivamente, por intermédio dos relatos dos(as) alunos(as), pode-se perceber que tais sonoridades não endossam os patrimônios econômicos e sociais hegemônicos, pelo contrário, trata-se da valorização de práticas de sujeitos muitas

⁷² “Este tem sido o caso de parte da população atingida de Mariana, principalmente das pessoas que vivem na zona rural do município. Há tempos, famílias atingidas das comunidades rurais alertam para essa realidade, nesse período de pandemia. [...] estas pessoas estão silenciadas diante da impossibilidade material de se comunicarem à distância”, cf. BARROS, Ellen. Indenizações: sem acesso à comunicação não tem negociação, e agora? *Jornal A Sirene*, jul. 2020. p. 14.

⁷³ “No [ensino] remoto, eu passo a semana na roça, e só de vez em quando volto em Mariana. Minha mãe até instalou internet lá na roça pra assistir às aulas. Quando não tinha coronavírus, eu não gostava de ficar na roça, mas agora eu gosto.” (Luiz Felipe da Cruz, 12 anos, 7º ano), cf. SILVA, Maria Emília de Souza; CRUZ, Luiz Felipe da; ANGELINO, João Victor *et. al.* Rotina, atividades e lazer: o dia a dia dos(as) estudantes de Paracatu de Baixo no ensino emergencial remoto durante a pandemia de Covid19. *Jornal A Sirene*, Ed. 66, out. 2021, p. 4.

⁷⁴ Inquestionavelmente, relação dos(as) estudantes com a antiga espacialidade de Bento Rodrigues era permeada de dinâmicas afetivas e sensórias, como teoricamente interpretado por Hutta: “[...] os espaços que as pessoas habitam são geradores de uma multiplicidade de dinâmicas ‘afetivas’ que vão além da topofilia – o amor pelo lugar – ou seu oposto, a topofobia e o medo. ‘Afetos’ – em um sentido mais amplo derivado da filosofia e da psicologia – tais como confiança, curiosidade, raiva, vergonha, nojo ou culpa frequentemente se formam através das relações espaciais”. Ver: HUTTA, Jan Simon. Cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 42. v. 2, Número Especial “Múltiplas Microterritorialidades nas Cidades”, p. 63-89, jun. 2020. p. 64.

vezes empobrecidos, afrodescendentes, e que foram ainda mais espoliados com a destruição acarretada pela queda da Barragem,⁷⁵ ações essas engendradoras de pertencimentos e relações comunitárias.

Dessa maneira, o projeto pedagógico "Sonoridades Históricas de Bento Rodrigues" incorpora os debates ético-políticos sobre patrimônio intangível no âmbito do ensino de História. A partir das enunciações partilhadas pelos(as) estudantes e das reflexões da pesquisa "Gualaxo Vivo", o programa concebe, em desdobramento, o patrimônio sonoro no entorno socioambiental e político-cultural do Gualaxo do Norte como um memorial de luta desigual, diante de poderes estruturais do capital na modernidade, manifestados na região pelo impacto de uma extração minerária que atinge diretamente as paisagens culturais e as condições de vida da população.

Finalizamos esse artigo concordando com o pesquisador Leonardo Castriota que defende que o memorial deve ser utilizado de forma à manter viva uma lembrança que muitas vezes nos remete a momentos de dor, além de servir como um instrumento que nos leve a adotar atitudes que culminem com ações que evitem o esquecimento ou a repetição de eventos catastróficos como o que ocorreu com o rompimento da barragem de fundão.⁷⁶

Referências

ABREU, Marcelo; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Cultura de história, história pública e ensino de história: investigação e formação de professores de história. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, pp. 111-134, 2019.

BARCI-CASTRIOTA, L. Patrimônio e direitos humanos: a ação do ICOMOS no caso de Bento Rodrigues. In: YORY, C.M. (Ed.), **Identidad territorial, globalización y patrimonio**. Bogotá: Editorial Universidad Católica de Colombia, 2021.

BARROS, Ellen. Indenizações: sem acesso à comunicação não tem negociação, e agora? **Jornal A Sirene**, jul. 2020.

BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana. 1883-1911**. Organização e introdução: George W. Stocking Jr. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da UFRJ, 2004.

⁷⁵ Afinal, o som é, mais do que a imagem, um meio insidioso de manipulação afetiva e semântica." Cf. CHION, Michel. **A audiovisualização**: som e imagem no cinema. Lisboa: Texto & Grafia, 2008. p. 33.

⁷⁶ O autor remete o termo memorial ao vocábulo alemão *Mahnmal*, cf. ICOMOS BRASIL. *Op. Cit.* p. 250-251.

BUARQUE, Virgínia; BUSCACIO, Cesar Maia. Regimes de escuta e espaço histórico de Minas (séculos XVIII-XIX). **Revista Antíteses**. Londrina, v. 14, n. 28, pp. 223-257, jul.-dez. 2021.

BUDASZ, Rogério. **O Triângulo Atlântico**: sons da Ibéria, África e Brasil durante o período colonial. s. d. Disponível em: <http://www.rem.ufpr.br/banza/sonora/triangulo.html>. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

CAMPESATO, Lílian. Dialética do ruído. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 20. **Anais...** Florianópolis, 2010.

CAMPOLINA, Bernardo; CAVALCANTE, Anderson. Economia minerária e seu impacto urbano: desafios e contradições na Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Redes**, Santa Cruz do Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, jan.-abr. 2017.

CAPELLER, Ivan. Introdução à arqueologia da escuta - Do som e da voz como objetos de enunciação. **Ciberlegenda**, p. 7-15, 2011.

CAIUBY NOVAES, Sylvia (coord.). **Alteridade, expressões culturais do mundo sensível e construções da realidade**. Velhas questões, novas inquietações. Projeto Temático apresentado à FAPESP, 2002. Mimeo.

CELESTINO, Silva Marcelo; SILVA, Fábio Augusto Rodrigues. Uma análise das reportagens no jornal *A Sirene*: um porta-voz dos atingidos pelo desastre da Samarco. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 7. n. 2, 2017.

CHION, Michel. **A audiovisualização**: som e imagem no cinema. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

CORBIN, Alain. Histoire et anthropologie sensorielle. **Anthropologie et sociétés**, v. 14, n. 2, pp. 13-24, 1990.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. A vida em segundo plano: produção de conhecimentos histórico-educacionais a partir de fotografias do desastre ambiental de Mariana-MG. **Revista TEL**, Irati, v. 8, n.2, pp. 119-138, jul.-dez. 2017.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Memórias e sensibilidades numa produção de conhecimentos histórico-educacionais. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.10, n.17, pp. 26-45, jul./dez.2017.

DINAT, Camila. **Revisão sistemática de literatura do modelo de governança da Fundação Renova**: subsídios para uma análise crítica. 2022. 72f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade e Gestão Ambiental) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos e paisagens culturais: Estudos Sociológicos de cultura urbana**. Oeiras: Celta, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 16ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Anielle Kelly Vilela; CASTRIOTA, Leonardo Barci. Conservação e valores na proteção da paisagem cultural de Bento Rodrigues. ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUIMEMÓRIA, 5: sobre preservação do patrimônio edificado. **Anais...** Salvador, 27 de nov. a 1 dez. 2017.

GODOY, Lucas. Relatório técnico: geografia. *In*: LIMA, Kleverson Theodoro; ANDRADE, Viviane Corrado de. **Diagnóstico Preliminar dos bens culturais identificados no território atingido em Mariana pelo rompimento da barragem de Fundão**. Lagoa Santa: Pólen Consultoria Patrimônio e Projetos, 2017.

GONÇALVES, Eva da Paixão *et al.* Com apoio de QUEIRÓZ, Luzia; BONIFÁCIO, Miriã. Não te ver... dá uma saudade. *Jornal A Sirene*, Ed. 18, set. 2017.

HIKIJ, Rose Satiko. Possibilidades de uma audição da vida social. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28. **Anais...** 2004.

HUNZICKER, Adriane Cristina de Melo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; SANTOS, Marcelo Loures dos. A Escola como fator de desterritorialização dos povos atingidos pelo rompimento da Barragem do Fundão. **Revista da UFMG**, v. 27, n. 2, p. 80-105, 2020.

HUTTA, Jan Simon. Cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 42. v. 2, Número Especial "Múltiplas Microterritorialidades nas Cidades", pp. 63-89, jun. 2020.

ICOMOS BRASIL. **Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues**. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

Marcas da lama: 1 ano do maior desastre ambiental do país. **Brasil de Fato**, 1 nov. 2016. Disponível em: <http://pensaeai.blogspot.com/2016/11/marcas-da-lama-o-maior-desastre.html>. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

JESUS, Patrícia Gonçalves de; RIBEIRO, Cristiane Maria. **Oficina pedagógica**: um produto educacional como oportunidade de conhecimento das ações afirmativas. Urutaí: Instituto Federal Goiano, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/599688/2/Produto%20educacional%20final%20Oficina%20Pedagogica.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: Corpo, lugar de memória. *In*: **Língua e literatura: limites e fronteiras**, Belo Horizonte, v.12, n. 26, ago./set. 1998.

MONTEIRO, Ricardo Rodrigues. **Semiótica e cartografia**: um estudo dos signos e da comunicação dos mapas pelas teorias de Charles Sanders Peirce. 2018. 365f. Tese (Doutorado em Ciências – Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MUNIZ, Marcos *et al.* Com apoio de RANGEL, Laura; FÉLIX, Daniela; FILQUEIRAS, Silmara. Minha vida lá. *Jornal A Sirene*, Ed. 20, nov. 2017.

NUNES, Magno Alex de Jesus; COSTA, Silviane Gasparino; SILVA, Rosiane Gomes. **O Quadrilátero Ferrífero e o norte de Minas Gerais**: análise da história e importância econômica. s. d. Disponível em: http://unimontes.br/arquivos/2012/geografia_ixerg/eixo_politica_meio_ambiente/o_q

uadrilatero_ferrifero_e_o_norte_de_minas_gerais_analise_da_historia_e_import%C3%82ncia_econ%C3%94mica.pdf. Acesso em: 5 de setembro 2022.

OBICI, Giuliano. **Condição de escuta**: mídia e territórios sonoros. 2006. 162f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, José Eduardo de. **Bento Rodrigues**: trajetória e tragédia de um distrito do ouro. S. d. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/Bento_Rodrigues_trajetoria_e_tragedia_de.pdf. Acesso em 5 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Júlio Cesar. A polifonia perdida do Arraial do Tijuco. **Opsis**: Revista do Departamento de História e Ciências Sociais - UFG, v. 8, n. 11, pp. 37-58, 2008.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976 [1823 e 1837].

REIS, Filipe. **A (i)materialidade do som: antropologia e sonoridades**. Disponível em: https://www.academia.edu/1094759/A_i_materialidade_do_som_Antropologia_e_Sonoridades. Acesso em: 5 de setembro de 2022.

ROZA, Luciano Magela. **Entre sons e silêncios**: apropriações da música no livro didático no ensino de história afro-brasileira. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SAFATLE, Vladimir. O amor é mais frio que a morte: negatividade, infinitude e indeterminação na teoria hegeliana do desejo. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 117, p. 95-125, jun. 2008.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [1830-1851].

SALES, Andreia; MUNIZ, Marinalda; PASCOAL, Genival. "Era na Água Santa". **A Sirene**, 4 abr. 2018. Com apoio de Miriã Bonifácio. Disponível em: <http://jornalasirene.com.br/cultura-memoria/2018/04/04/era-na-agua-santa>. Acesso em: 7 de março de 2022.

SAMPAIO, Daniel Morgado. **A crise da indústria da cultura**: visões de Adorno e de Attali sobre a música contemporânea. 1025. 128f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura). Universidade do Minho, Portugal. 2015.

SCHAEFFER, Pierre. **Tratado dos objetos musicais**. Ensaio interdisciplinar. Brasília: EdUnB, 1993.

SILVA, Maria Emília de Souza; CRUZ, Luiz Felipe da; ANGELINO, João Victor *et. al.* Rotina, atividades e lazer: o dia a dia dos(as) estudantes de Paracatu de Baixo no ensino emergencial remoto durante a pandemia de Covid19. **Jornal A Sirene**, Ed. 66, out. 2021.

SILVA, "Saloma" Salomão Jovino da. **Memórias sonoras da noite**: musicalidades africanas no Brasil Oitocentista. 2005. Tese (Doutorado em História). PUC-SP, São Paulo, 2005.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. Ensino de história e sensibilidade: o ver, o ouvir e o imaginar nas aulas de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 25, n. 02, pp. 167-190, jul.-dez. 2019.

SOUZA, Bruno Omar de. Quem são, afinal, os historiadores de verdade? Professores de História do ensino fundamental fazendo história pública. In: VIANA, Cibele Aparecida; BUARQUE, Virgínia (org.). **Escrita docente sobre os distritos de Mariana: interfaces entre a história local e a história pública**. Contagem: Escola Cidadã, 2022.

VEDANA, Viviane. Territórios sonoros e ambiências. Etnografia sonora e antropologia urbana. **Iuminuras**, v. 11, n. 25, 2010.

VIANA, Fábio Henrique. **A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)**. 2011. 203f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, pp. 11-31, jan. 2005.

VILELA, Ivan. Vem viola, vem cantando. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, 2010.

WISNIK, J. Miguel. **O som e o sentido**. Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989.

Recebido em: 18/09/2022

Aprovado em: 12/01/2023